

## DA GEOGRAFIA FEMINISTA À MULHER PERIFÉRICA NA ATUALIDADE

Ana Carla de Lima Aquino<sup>1</sup>

**Resumo:** Historicamente a mulher periférica tem passado por diferentes formas de violência nos grandes centros urbanos brasileiros, porém, na última década vem reforçado suas resistências de acordo com esse quadro. Diante disso, o presente estudo procura analisar o papel da geografia feminista a partir do arcabouço teórico fornecido por importantes geógrafas Latino-Americanas, a fim de compreender o seu alcance em relação ao espaço urbano desigual das mulheres periféricas. Segundo as geógrafas feministas, o espaço é uma construção social e essa leitura dependerá tanto do lugar quanto da escala. Nesse sentido, é na cidade onde ocorrerão os reforços das esferas pública e privada, como também onde se misturam as diferentes condições étnicas-econômicas de cada mulher. Por outro lado, e de acordo com o feminismo interseccional, esta pesquisa visa ao mesmo tempo entender quais são as amarras que formam o território e as identidades dessas mulheres na atualidade. Finalmente, conclui-se que as contribuições dos novos feminismos e das vivências pessoais podem construir formulações interdisciplinar para a geografia feminista.

**Palavras-chave:** Geografia feminista; Feminismo; Classe; Espaço Urbano; Periferia.

## DE LA GEOGRAFÍA FEMINISTA A LA MUJER PERIFÉRICA EN LA ACTUALIDAD

**Resumen:** Históricamente la mujer periférica ha pasado por diferentes formas de violencia en los grandes centros urbanos brasileños y, sin embargo, en la última década ésta viene reforzando sus resistencias ante tal contexto. Frente a eso, el presente estudio busca analizar el papel de la geografía feminista a partir de un marco teórico esbozado por importantes geógrafas latinoamericanas, con el objetivo de comprender su alcance en relación al espacio urbano desigual de las mujeres periféricas. Según geógrafas feministas, el espacio es construcción social y dicha lectura dependerá tanto del lugar como de la escala. De esa manera, es en la ciudad donde ocurrirán los refuerzos de las esferas pública y privada, como también donde se entremezclan las diferentes condiciones étnicas-económicas de cada mujer. Por otro lado, y de acuerdo con el feminismo interseccional, este trabajo procura al mismo tiempo entender cuales son los lazos que conforman el territorio y las identidades de estas mujeres en la actualidad. Por último, se concluye que las contribuciones de nuevos feminismos y experiencias personales pueden construir formulaciones interdisciplinarias para la geografía feminista.

**Palavras-chave:** Geografia feminista; Feminismo; Classe; Espaço Urbano; Periferia.

## FROM FEMINIST GEOGRAPHY TO GHETTO WOMEN IN THE PRESENT

**Abstract:** Historically, peripheral women have experienced different forms of violence in large Brazilian urban centers, but in the last decade their resistance has been reinforced according to this scenario. Given this, the present study seeks to analyze the role of feminist geography from the theoretical framework provided by important Latin American geographers, in order to understand its scope in relation to the unequal urban space of peripheral women. According to feminist geographers, space is a social construct and this reading will depend on both place and scale. In this sense, it is in the city where the reinforcements of the public and private spheres will occur, as well as where the different ethnic and economic conditions of each woman are mixed. On the other hand, and according to intersectional feminism (Crenshaw, 1980), this research aims at understanding at the same time what are the shackles that form the territory and identities of these women

---

<sup>1</sup> Graduanda em Geografia Bacharelado na Universidade Federal da Integração Latino-Americana- UNILA. anaquino@gmail.com

today. Finally, it is concluded that the contributions of new feminisms and personal experiences can build interdisciplinary formulations for feminist geography.

**Keywords:** Feminist geography; Feminism; Class; Urban space; periphery.

## **Introdução**

O feminismo é um estudo interdisciplinar em constante construção que tem como base a constante luta contra a desigualdade de poderes entre os gêneros. Na geografia, se existe muitos ângulos para se enxergar a totalidade do espaço, a investigação da geografia feminista é um novo olhar desse prisma (Silva, 1998, 2016, 2019) para se enxergar a relação de poderes entre os gêneros no espaço. Esse estudo vem caminhando notavelmente desde os 1980 e possui publicações de origem saxônica em sua ampla maioria, e que de certa forma, influenciou as primeiras pesquisas que aqui se desenvolvem na Periferia do Sistema. Embora a influência, a região Latino-Americana consideravelmente detém grandes diferenças do centro e detendo ainda muitas distinções entre suas periferias. Essa pesquisa, no entanto, procura mais especificamente descrever a dinâmica que engendra as Mulheres Periféricas dos Centro Urbanos Brasileiro como São Paulo, o qual embora possua muitas particularidades próprias, possui características que não foge do padrão social das tantas Mulheres Latino-Americanas.

No primeiro capítulo, trata-se a respeito das ferramentas da geografia feminista para compreender o caráter de resistência diante de uma ciência hegemônica do qual é branca, heterossexual e masculina. Segundamente, para apontar a influência do feminismo para esse estudo, bem como para reafirmar que não existe um feminismo universal e sim feminismos. Conforme a influência do marxismo para geografia e para o feminismo, a Classe social como variável é fundamental para compreender a condição da mulher periférica. E, por último, toda a violência que um corpo feminino sofre no espaço, além das questões sociais, depende de um recorte de escala.

No segundo capítulo, será focado o recorte espacial da cidade urbana. A cidade é concebida como uma construção social, assim como as relações sociais que ocorrem nessa localidade. Nas cidades as esferas pública e privada estão bastante marcadas, no qual mulheres estão ligadas ao ambiente privado e/ou Doméstico, e o homem ao ambiente do público pela sua relação com o trabalho e pela tomada de decisões comunitárias. Além disso, de acordo feminismo interseccional, as mulheres sofrem diferentes violências e privilégios

de acordo com múltiplas categorias sociais. Uma dessas categorias é a de Classe que separa mulheres ricas e pobres, e das quais essas mulheres possuem vivências diferentes segundo suas regiões com particularidades próprias.

Por último, a Mulher Periferia de acordo com sua vivência perante o capitalismo aborda situações extremamente desafiadoras no seu cotidiano. Además de viver em um lugar geograficamente distante do centro, das ofertas de trabalho e das atividades, sofre também com as diversas violências sociais e do próprio Estado. Com isso, a necessidade de defender o seu território e a sua identidade torna-se essencialmente latente.

### **1.1. O Feminismo na geografia**

O feminismo, assim como toda a ciência, é um estudo em constante construção com base nas vivências sociais que o molda conforme suas necessidades. Esse estudo possui um caráter interdisciplinar e tem como fundamento a luta pela igualdade entre os gêneros. Foram os movimentos, emergidos no século XIX, que mostraram as desigualdades de gênero e como a história da humanidade em diferentes formações sociais foi marcado por relações desiguais e hierárquicas entre homens e mulheres (Silva, 2016).

Na geografia, as feministas tiveram um papel importante como tentativa de quebra do silêncio e resistência perante a uma parte hegemônica da ciência. Segundo Silva (2009, p. 25), essa parte “é marcada por privilégios de sexo e de raça, características que dificultaram a expressão das especialidades dos grupos das mulheres, dos não-brancos e dos que não se encaixam na ordem heterossexual dominante”. Dessa forma, ao fazer ciência, a geografia feminista evidencia uma proposta de visibilizar as relações de poder entre os gêneros no espaço. Onde ao invés de evidenciar uma suposta neutralidade de gênero na ciência, a geografia feminista busca apresentar, debater e discutir questões que engendram o outro lado do prisma: o lado do qual faz parte a outra metade da população. Segundo Silva:

A Geografia, de uma maneira geral, tem considerado a sociedade como um conjunto neutro, assexuado e homogêneo. Entendo que o estudo da população, por exemplo, ainda é uma abstração mesmo considerando as classes que a compõem, se não considerarmos que esta é composta por pessoas que situam-se também na sociedade quanto ao gênero (1998, p. 108).

Vale lembrar, que essas teorias aqui mencionadas alguns autores ainda fizeram uma segunda distinção entre os estudos de gênero e o feminista. Salientando que não só o estudo feminista, assim como o estudo da geografia de gênero, são duas frações que se unem para

dentro da geografia a fim de visibilizar as distinções entre os gêneros. Conforme aponta Bondi (1990) (citado em: Silva, 1998, p.108) a geografia feminista: “busca uma transformação não só da Geografia, mas também da forma como vivemos e trabalhamos, e geografia de gênero trata o gênero como uma dimensão da vida social que deve ser incorporada nas estruturas existentes”. E ainda, é a partir das contribuições do feminismo que a geografia busca o seu método de explicação e análise do espaço, enquanto a geografia de gênero –que envolve não só o feminino, como também o masculino– busca uma categoria útil de enxergar o espaço de acordo com os resultados dos estudos feministas (Silva, 1998).

Além disso, a geografia feminista não acredita que as relações entre os gêneros são universais, uma vez que cada grupo social sofre de uma forma distinta segundo muitos fatores. Para Hanson e Monk (1996) (citado em: Silva, 2016, p. 75):

La geografía de género considera las ideas de la teoría de la diferencia afirmando que no existen una mujer o un hombre universal, ambos forman parte de distintas culturas, etnias, clases sociales, lugares, nacionalidades y las relaciones de género se modifican de acuerdo con las particularidades de estas colocaciones.

Dentro disso, as geógrafas, que também foram influenciadas pela junção do feminismo com o marxismo sobretudo nos anos 1980, relacionava a luta de Classes como elemento crucial para a sua análise. Conforme Silva:

As geógrafas feministas entendiam que as questões de gênero, que envolvem as relações de dominação/subordinação, não podiam ser tratadas de forma isolada, mas sim, intrinsecamente às lutas de classes, para superar a totalidade dos sistemas de exploração presentes nas sociedades, implicando, assim, a abolição de outras formas de opressão, entre elas a opressão das mulheres (2009, p.34)

Essa dinâmica própria vai variar conforme não somente o espaço, mas também a escala (Silva, 2009, p.35). Em outras palavras, as mulheres não somente sofrem violências diferentes de acordo com muitos fatores já mencionados, como também essa violência é

distinta de acordo com o recorte espacial (como região ou lugar). E además, um recorte de tempo no espaço que forma questões socio-espaciais<sup>2</sup> próprias.

## 2. A Cidade e as relações de classes

Os lugares formado no decorrer do tempo são construções feitas de acordo com as vivências sociais. “Se as características dos lugares são, assim como as características entre os gêneros, produzidas culturalmente: o espaço urbano é produto socialmente” (Sampaio e França, 2015, p. 65). A cidade é um elemento nessa escala espacial onde é possível entender vários elementos simultâneos que engendram a vida da mulher (Silva, 2009, p.32).

A cidade, ainda como aponta SILVA (2009, p.34), reforça papéis desempenhados pela mulher e pelo homem, uma vez que ela separa a esfera pública da privada. Essas esferas são construídas historicamente e separam o espaço das mulheres e dos homens entre o público e privado<sup>3</sup>. A mulher tanto como membro da família quanto aquela que detém algum controle do lar situam-se no privado, enquanto o homem detém o controle dos interesses públicos. De acordo com Costa (1995) (citado em: Novaes, 2015, p. 53) “Isto se dá porque há a exclusão da mulher do exercício da cidadania, espaço construído com base num modelo masculino e voltado para os interesses dos homens.” De acordo com a construção histórica, a esse respeito, Noves (2015, p. 54) declara:

Por sua vez, a construção das democracias ocidentais no século XIX veio apoiada numa conceituação específica de público e privado, articulando a esta, os papéis sexuais. O século XIX marcou deste modo, a divisão entre Estado e indivíduo privado, constituindo um espaço político inseparável do público, do qual, porém, foram excluídos as mulheres e os proletários.

Somado a isso, conforme o feminismo interseccional segundo Crenshaw (citado em: Nardi e Silveira, 2014, p.16) “a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos

---

<sup>2</sup> O conceito de “formação socioespacial” foi formulado 1970 por Milton Santos. O geógrafo utiliza de categorias de formação econômica e social para analisar as formas produzidas no espaço utilizando três categorias: modo de produção, formação social e espaço. Essa teoria e método foi chamada de Sócio-espacial.

<sup>3</sup> Não confundir o privado com o doméstico e familiar, uma vez que isso depende de relações históricas do espaço.

de subordinação”. A violência, portanto, de uma determinada mulher depende de muitos fatores que se misturam na sociedade como por questões raciais, políticas, territoriais, econômicas e de gênero. É na cidade, portanto, que não só a violência de gênero vai suceder e sim ocorrerá com outras violências do qual a faz parte da vida de determinadas mulheres. Segundo Saffioti “mais do que papéis sociais que se aprende nos processos de socialização, são as identidades sociais (gênero, raça e etnia, classe) que vão gestando a subordinação, a partir das experiências vividas que colocam as mulheres nesse lugar” (citado em: Nardi e Silveira, 2014, p.14).

A classe social que separa às mulheres entre ricas e pobres vincula-se, ao mesmo tempo, às regiões mais ou menos privilegiadas tanto econômica quanto politicamente. Serão, dessa maneira, as mulheres pobres inviabilizadas por questões políticas as que mais sofrerão com os reajustes do capital, profundizando assim a exclusão e a violência. Segundo Yan (2009, p.281), “as desigualdades sociales reflejadas en las condiciones de vida (medio ambiental, territorial y social) que tienen los ciudadanos (en tanto habitantes de la ciudad) es hoy la principal muestra de exclusión y violencia”. Por outro lado, Yan também salienta e enumerar alguns exemplos de políticas públicas que influenciam diretamente na vida das mulheres invisibilizadas:

- (1) La desigual oferta de infraestructura y servicios que condiciona la vida cotidiana de la población según sectores sociales.
- (2) Las consecuencias no son las mismas para varones y mujeres. Si las responsabilidades de unos y otras son diferentes, la relación entre el ámbito privado y público también lo es. Son diversas las demandas de accesibilidad, desplazamientos, tiempos de traslado, de unas y otros.
- (3) Las necesidades de las mujeres de compatibilizar las responsabilidades en ambos espacios son vitales, en tanto las actividades del cuidado continúen a cargo casi exclusivo de las mismas.
- (4) La existencia y calidad de los servicios de cuidado infantil, ancianos, enfermos, abastecimiento, resultan para las mujeres posibilitantes u obstaculizantes para tomar decisiones respecto a sus vidas, fundamentalmente las de participar en igualdad de condiciones con los varones en la vida pública.

Sendo assim, podemos considerar que a gestão pública do Estado influencia diretamente no meio das mulheres pobres que não detém a acumulação do Capital. Como o convívio destas geralmente está ligado à esfera doméstica e aos cuidados, políticas que influenciam nessa relação são fundamentais para seu desenvolvimento na esfera pública.

### **3. As Mulheres periféricas**

Na periferia, se por um lado podemos enxergar a construção de uma identidade feminina criada a partir do território, por outro percebemos agravantes promovidos pela falta de direito de serviços públicos básicos como a saúde, educação, moradia e o transporte, além de constantes violências advindas principalmente do Estado. Com isso, o salário do trabalho pouco qualificado destinado a essas mulheres não alcança a compra dos recursos básicos para a sua sobrevivência, segurança e conforto. De um modo o qual interfere diretamente na vida dessas mulheres, bem como na reprodução econômica do trabalho destas.

A distância física é um das problemáticas que engendram a vida da mulher periférica. Dentro dos grandes centros urbanos como São Paulo, os muitos quilômetros até o local de trabalho, bem como as horas que são gastas até chegar ao local, fazem parte dos deslocamentos diários que perturbam a vida da Mulher trabalhadora. As densidades de ofertas de atividades, de equipamentos públicos e do emprego são desiguais, onde a concentração está localizada no centro e a diminuição destas ofertas se encontram em suas regiões de moradia. Sendo assim, tais fatores se desenvolvem para essas mulheres como forma de exclusão. As exclusões são inúmeras e vão desde a quantidade de horas que poderiam ser gastas com o lazer (bem como o direito de ter acesso ao lazer), até a exaustão dessas mulheres, uma vez que sua construção social está muito atrelada à esfera privada e/ou doméstica. Com isso, seu território passa muitas vezes como um lugar pouco vivido.

### **4 Mulheres periféricas: Território, resistência e coletivismo**

A identidade e o território da mulher periférica constituem na atualidade como espaços que exigem uma construção de resistência perante as diversas violências. O seu território que embora seja delimitado por um espaço geográfico, ao se apropriar de diversas ferramentas tecnológicas, se expande e torna-se acessível para diversas mulheres que encontram na mesma situação, permitindo dessa forma uma leitura única perante ao seu olhar feminista.

Conforme a noção clássica, o território constitui como um espaço demarcado por fronteiras e delimitado por uma porção de terra identificada como posse e domínio pelo

estado ou grupo social. No entanto, a noção desse território cai por terra no estudo de caso das mulheres periferias na atualidade, uma vez que percebemos que o alcance dessas mulheres, ultrapassam o seu sentido físico do território delimitado por uma porção de terra. O seu território está em constante expansão. São mídias sociais, os eventos e outras comunicações de uma maneira geral que estas vêm estabelecendo, que ultrapassam não somente as barreiras físicas, como também as financeiras e as governamentais. Formando elos e conectando milhares de mulheres.

Conjuntamente, a identidade periférica se constitui como uma forma de territorialidade<sup>4</sup>. Do qual, forma-se também o feminismo periférico, constituindo as identidades de resistências que unem essas Mulheres. De acordo com Medeiros (2019, p.313)

O “feminismo periférico” é constituído por coletivos que, na maioria das vezes, se auto-compreendem como feministas e que surgem a partir do ano de 2010, por iniciativa de mulheres jovens, nascidas nas décadas de 1980-90, sem estruturação político-partidária e a partir do encontro entre movimentos culturais periféricos e debates sobre feminismo nas redes sociais digitais. Suas principais práticas são de caráter artístico-cultural.

Essa defesa do território é essencial já que o espaço está em constante conflito, vulneráveis pela intervenção do Capital e do Estado. Por isso, coletivos independentes como o “nós , mulheres da periferia” representa uma forma crucial de resistência, servindo de modelo para fortalecer uma identidade feminina e periférica, que conforma as muitas vivências em comum dessas mulheres, como também reforça a territorialidade. Además constitui-se como um feminismo não hegemônico, que considera as interseccionalidades como Classe e Raça inerentes ao Gênero.

O coletivo “nós, mulheres da periferia”, segundo o seu manifesto deixa bastante claro a sua forma de resistência e sua identidade:

“Somos maioria. Somos minoria. Pobres, pretas, brancas, periféricas. Migrante, nordestina, baianinha, quilombola, indígena.; Somos aquela que, depois de 8h de trabalho e 4h no transporte público, – “Dá um passo mais profundo, colega”, que ainda passa a roupa e nina o bebê.;Mas mesmo assim arruma tempo para o lazer. A novela, a música, a dança, o livro, anestesia, faz sonhar, faz esquecer.;Somos quem tira a toalha molhada de cima da cama, e leva os copos para a cozinha. – ”A janta tá pronta?”Somos

---

<sup>4</sup> O sentido de territorialidade aqui usado se baseia simplesmente como ações humanas que ocorrem no território.

as mães que trabalham para as filhas estudarem.;Somos as filhas que se formam na universidade para as mães voltarem para a escola. [...]Somos operárias, empreendedoras, manicures, jornalistas, costureiras, motoristas, advogadas.[...]Somos esposas, mães, irmãs, primas, tias, comadres, vizinhas. [...]Somos quem não pode andar sem acompanhante na rua à noite.[...]Somos apontadas na rua ao buscar camisinha no posto de saúde. [...]Somos mães solo que registram os nomes dos filhos de pais “desconhecidos”. [...]Somos aquelas que amam os filhos da patroa.[...]As que seguram as pontas quando são presos. [...]Somos quem chora quando nossos filhos são mortos por serem suspeitos.;Somos mães de maio, de junho, setembro;Somos quem vai ao posto atrás de remédio e pra agendar consulta pra daqui a cinco meses;Somos quem cria os abaixo-assinados para pedir creches.;Somos quem trabalha em mutirão carregando bloco e fazendo marmitta.;Somos quem denuncia que a vizinha apanha do marido.;Somos amor, perdão, paciência, doçura, fortaleza. Somos esperança.;Somos Nós, mulheres da periferia!”(Nós Mulheres da Periferia, 2015).

Além disso, existem muitos outros exemplos de atuações e um deles é o Coletivo “Ser Vi Ela” de Guaianazes criado em 2015, realiza encontros no extremo leste de São Paulo e age igualmente nas redes sociais como uma plataforma cultural de comunicação.

Já o “SLAM das Minas”, que se constitui por competições de poesia entre mulheres em espaços públicos do todo Brasil, foi criado como forma de visibilizar a presença feminina e as questões pessoais que engendram a vida pessoal da Mulher sem privilégio de Classe. Espaços como esses que eram considerados extremamente masculinos, passam a se tornar um ambiente de lazer e discussão.

As mensagens destes movimentos são bastante nítidas e são exemplos do combate da violência de gênero, raça e Classe que agem localmente e virtualmente sem ajuda direta do Estado. A atuação virtual por meio das redes sociais embora concentrados entre as faixas etárias menores demonstram igualmente uma educação feminista a partir dos mais jovens para os mais velhos. Com isso, por meio da atuação cultural dessas lutas torna-se ainda mais acessível e efetiva a educação feminista, sendo ainda mais alcançável do que o Feminismo acadêmico para essas Mulheres sem privilégios de Raça ou Classe. A defesa do território não viria senão pelo fato de abarcar as condições sociais únicas, mobilizando diversas trabalhadoras e estudantes por um espaço mais justo e seguro.

## **Considerações finais**

Sob a luz da geografia, o feminismo pode ser lido não somente como o espaço de desigualdades de poderes entre os gênero, como igualmente por territórios onde relações raciais e de classe se misturam. A ligação intrínseca do capital ao espaço, logo depois da divisão internacional do trabalho ter aumentado as assimetrias existentes entre centros e periferias tiveram consequências devastadoras América Latina. As relações desiguais de pobreza e violência foram agravadas e, ao mesmo tempo, o recorte de Classe foi ainda mais aprofundado por questões raciais. Diante disso, não somente devemos afirmar que exista uma diferença clara do Feminismo branco das Classes privilegiadas, como também temos que enaltecer a necessidade de criar um feminismo de libertação construído a partir da realidade da nossa região.

A nossa luta Feminista, partindo igualmente da Geografia, deve respeitar particularidades históricas, econômicas e raciais. Afinal, somos indígenas, negras, mestiças e brancas. Somos trabalhadoras, estudantes e filhas de mulheres que igualmente segue gerações batalhando para um espaço justo e confortável. Somos também uma identidade feminina que está em constante ataque pelo capital e pelo imperialismo, o qual segue empenhando-se para não mudar a nossa realidade. Precisamos, com isso, reforçar nossas identidades e nossos próprios estudos para assim formular um conteúdo Latino-Americano em relação às nossas individualidades e resistências.

## Referências

Nós Mulheres da periferia. (2015). *Manifesto*. Disponível em: <<http://nosmulheresdapерiferia.com.br/manifesto/>>

Medeiros, J. (2019). *Do “Feminismo Popular” ao “Feminismo Periférico”*: Mudanças estruturais em contrapúblicos da zona leste de São Paulo. *Revista Novos Rumos Sociológicos*: São Paulo, V. 7, Nº 11 Disponível em: <<https://Periodicos.Ufpel.Edu.Br/Ojs2/Index.Php/Norus/Article/View/17052>>.

Novaes, E. (2015). *Entre o público e o privado: o papel da mulher nos movimentos sociais e a conquista de direitos no decorrer da história*. História e cultura: São Paulo. P. 50-66, V. 4, Nº 3. Disponível em: <<https://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/1691>>

Silva, J. (2009). *Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades*. In geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. 1. ed. Toda Palavra: ponta grossa.

Silva, S. (2019). *Geografia e gênero/geografia feminista. O que é isto?*. Boletim gaúcho de geografia: Porto Alegre. N°. 23, p. 7- 144. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38385/25688>>.

\_\_\_\_\_. (2016). *Geografías feministas brasileñas*. In Geografía feministas de diversas latitudes: orígenes, desarrollo y temática contemporáneas. 1. Ed. Instituto de Geografía UNAM: México. V. 1, Cap. 3, P. 71-94.

Silveira, R; Nardi, H (2014). *Interseccionalidade gênero, raça e etnia e a Lei Maria da Penha*. Psicologia & Sociedade: Brasil. N° 26, P. 14-24.

Souza, L. (2014). *Gênero, periferia e identidade coletivo “Nós, mulheres da periferia”*. Trabalho de conclusão de curso (curso de especialização em gestão de projetos culturais e organização de eventos do centro de estudos latino-americanos sobre comunicação e cultura) - celacc/ eca-usp, São Paulo. Disponível Em: <[http://Celacc.Eca.Usp.Br/Sites/Default/Files/Media/Tcc/Artigo\\_-\\_genero\\_periferia\\_e\\_identidade\\_-\\_final\\_sem\\_anexo.Pdf](http://Celacc.Eca.Usp.Br/Sites/Default/Files/Media/Tcc/Artigo_-_genero_periferia_e_identidade_-_final_sem_anexo.Pdf)>

Yan, Diana. (2009) *Género y territorio: la violencia doméstica en espacios de vulnerabilidad y exclusión social: notas a partir de un caso en Argentina*. In Geografías Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Toda Palavra: Ponta Grossa, V. 1, Cap. 2, P. 281-300.